



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONOMICAS E GERENCIAIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

MONOGRAFIA

**O Administrador Unidimensional no Mundo Administrado: Um Estudo Sobre sua
Formação.**

Pamella Thaís Magalhães Ferreira

**Mariana, MG
2017**

Pamella Thaís Magalhães Ferreira

**O ADMINISTRADOR UNIDIMENSIONAL NO MUNDO ADMINISTRADO:
UM ESTUDO SOBRE SUA FORMAÇÃO.**

Monografia apresentada ao curso de graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Área de Concentração: Ciências Sociais Aplicadas

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão.

Mariana, MG 2017

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

F383a Ferreira, Pamela Thais Magalhães
O Administrador Unidimensional no Mundo Administrado
[recurso eletrônico] : um estudo sobre sua formação
/ Pamela Thais Magalhães Ferreira.-Mariana, MG, 2016.
1 CD-ROM; 4 3/4 pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Econômicas
e Gerenciais DECEG/ICSA/UPOP
Inclui referências bibliográficas

1. Administração de empresas - Teses. 2. MEM. 3. Monografia.
I. Maranhão, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque.
II. Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto
de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências
Econômicas e Gerenciais. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 005.55
: 15
: 1416976



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICISA
COLEGIADO CURSO ADMINISTRAÇÃO




FICHA DE APROVAÇÃO

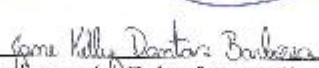
PAMELLA THAIS MAGALHAES FERREIRA

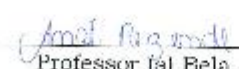
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, como requisito à obtenção do Título de Bacharel.

Orientador(a): Dra. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão

COMISSÃO EXAMINADORA


Professor(a) Dra. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão
Orientadora e Presidente da Banca


Professor (a) Bela. Jane Kelly Dantas
Membro Avaliador


Professor (a) Bela. Ana Flávia Rezende
Membro Avaliador

Marians, 14 de fevereiro de 2017.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é contribuir para o debate crítico acerca da formação do administrador, que se encontra num paradoxo entre a construção de um profissional analítico, autônomo, capaz de desenvolver transformações sociais, enquanto o mercado exige um profissional orientado em metodologias para alcance de objetivos organizacionais e institucionais, de forma funcionalizada e acrítica. Para tal debate, foi desenvolvida uma pesquisa à luz da obra “*A Ideologia da Sociedade Industrial: o Homem Unidimensional*” (MARCUSE, 1973). Nela, há uma discussão acerca da industrialização e seu aparato tecnológico (dentre eles a Administração), como responsáveis pela erradicação do caráter oposicionista, antes, presente na sociedade e no indivíduo, graças a não permissão da racionalidade na divisão do trabalho, pela primazia da esfera produtiva e a busca pelo progresso tornarem o indivíduo menos crítico e mais funcional. Dessa forma, origina-se a Sociedade Unidimensional e Homem Unidimensional (sem poder antagônico ao estado estabelecido das coisas). Buscando-se identificar traços do Homem Unidimensional, com a formação dos Administradores, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa do tipo *desk research*, no canal da mídia da revista “EXAME” disponível no site *Youtube.com*, procurando-se compreender as características desse profissional exaltados nesta mídia e suas relações com as características do Homem Unidimensional de Marcuse. Acredita-se que as representações presentes nessa mídia contribuem para a formação do administrador. A proposta desse estudo é contribuir para a discussão crítica acerca das representações sociais do Administrador como projeções na formação desse profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade Unidimensional; Homem Unidimensional; Sociedade Industrial; Administrador; Formação.

ABSTRACT

The objective of this research is to contribute to the critical debate about the formation of the administrator, who finds himself in a paradox between the construction of an analytical professional, autonomous, capable of developing social transformations. However, the market requires a professional oriented in methodologies to reach organizational and institutional objectives, in a functional and uncritical way. For this debate, a research was developed in light of the work "The Ideology of the Industrial Society: the Unidimensional Man" (MARCUSE, 1973). In it, there is a discussion about industrialization and its technological apparatus (among them the Administration), as responsible for the eradication of the oppositionist character, before present in society and in the individual, thanks to the non-permission of rationality in the division of labor, by the primacy Of the productive sphere and the search for progress make the individual less critical and more functional. In this way, the Unidimensional Society and One-Dimensional Man (without antagonistic power to the established state of things) originates. In order to identify traits of the Unidimensional Man, with the training of the Administrators, a qualitative research of the research type will be developed, in the media channel of the magazine "EXAME" available on the site Youtube.com, trying to understand the characteristics of this professional exaltados In this media and its relations with the characteristics of Marcuse's One-Dimensional Man. It is believed that the representations present in this media contribute to the formation of the administrator. The proposal of this study is to contribute to the critical discussion about the social representations of the Administrator as projections in the formation of this professional.

KEYWORDS: Unidimensional Society; One-Dimensional Man; Industrial Society; Administrator; Formation.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1.1 “A ideologia da sociedade Industrial – O Homem Unidimensional”	12
REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 A Formação do Administrador na Sociedade Industrial	18
2.2 A Administração e sua Faceta Unidimensional	22
METODOLOGIA	28
3.1 Descrição da Metodologia.....	28
3.2 Apresentação e Discussão dos Resultados	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A concepção de “A Ideologia da Sociedade Industrial”, de Hebert Marcuse, filósofo da Escola de Frankfurt, se fundamenta na crítica das transformações ocasionadas pela divisão do trabalho e avanço do aparato tecnológico e industrial, que levaram à dominação do homem através da erradicação de sua capacidade emancipatória no mundo Administrado.

Em sua obra, Marcuse (1973) descreve uma Sociedade Unidimensional por ser acrítica, funcionalista, que perde a sua capacidade oposicionista e reflexiva quando é submetida a um trabalho que exige cada vez menos um conhecimento holístico e cada vez mais técnico. A Sociedade Unidimensional é fomentada pelo aparato tecnológico, por dispor ao indivíduo novas mercadorias, alcances de necessidades e prazeres que são falsos e perpetuados pela própria sociedade, transformando objetivos particulares em objetivos individuais, levando a uma escravidão - o conceito liberdade não pode mais ser aplicado na experiência de vida, pois, até as alternativas de escolha do indivíduo obedecem a um estado das coisas estabelecido - e a um trabalho repressivo que o homem sucumbe para manutenção de seu *status quo*. Dessa maneira, a Sociedade Unidimensional se torna opressiva e também totalitária pelas esferas, políticas, econômicas, sociais e culturais cooperarem para que o poder do todo exerça seu poder de influência sobre o indivíduo, transformando qualquer caráter de oposição em conceitos ilusórios e sem sentido.

O eixo analítico deste trabalho é a obra do filósofo Herbert Marcuse, (1973) “*A ideologia da sociedade industrial – o homem unidimensional*” que a escreveu ao procurar unir as esferas subjetivas da vida humana e também o eixo concreto da estrutura social. Nessa obra, Marcuse procurou demonstrar como o progresso técnico e industrial se tornou aparato para uma vida de labuta, temor e escravidão aceitáveis pela humanidade. Marcuse se concentra em demonstrar como a concepção crítica da sociedade foi aplanada nas esferas sociais, políticas e econômicas, levando a uma introjeção subjetiva de que a ordem das coisas como estabelecidas pelo mundo é a melhor forma de sobrevivência e, de que o progresso técnico tal como o existente é o responsável pela melhoria da condição de vida humana e a garantia de uma vida melhor.

De acordo com Farr (2015) a obra marcuseana sobre o homem unidimensional, sugere não só a necessidade de uma mudança de organização econômica, mas também uma mudança na consciência dos sujeitos, uma mudança qualitativa na forma de concepção

de mundo dos próprios sujeitos. Para ele, Marcuse se refere a uma “grande recusa” por parte do sujeito no que se refere às formas tradicionais de vida, como se essa fosse a melhor maneira de viver, ou seja, Marcuse também acredita na capacidade de afluência da consciência, de uma “Grande Recusa”, na capacidade de se negar ao controle das forças atuais de dominação, a capacidade de resistência ao pensamento unidimensional e à busca de uma vida qualitativamente melhor. (FARR, 2015).

As definições da Sociedade e do Homem Unidimensional tem revelado grande contemporaneidade, prova disso, é a utilização de seus conceitos em trabalhos de teoria crítica, mesmo após 50 anos da publicação da obra de Hebert Marcuse. Além disso, suas características são assaz aplicáveis às instituições e à sociedade capitalista globalizada presente, conforme defendido por Bastos (2013).

De forma conjunta ao conteúdo presente no livro do filósofo Frankfurtiano H. Marcuse, uma análise da formação do administrador enquanto agente de transformação social, com capacidade crítica e analítica e principalmente autônoma é relevante, pois, segundo Siqueira, (1987) a formação do administrador, vai além das técnicas e “rotinização”, sendo ele um profissional crítico e capaz de modificar o meio. Não obstante, a formação do administrador, conforme defende Barcelos, et al.(2011) lida atualmente com uma dicotomia sociedade-mercado, na qual a sua formação enquanto ser social, lhe exige uma capacidade reflexiva e crítica do todo, conquanto, o mercado lhe exige um direcionamento para a reprodução do atual sistema econômico. Além disso, há uma limitação do ser humano, sendo ele concebido como fator operacional. Ainda na perspectiva de Barcelos, et al.(2011) a formação do administrador está sendo levada pelo paradigma dominante, perdendo a capacidade holística de reflexão que dá a ele características de um transformador social e surgindo um profissional que se organiza de acordo com o alcance de objetivos.

Concomitantemente a isso, os administradores, em sua formação, tem sido alvo do consumo da literatura do pop-management. Essa literatura, conforme explicado por Wood JR. et al. (2002) são compostas por feitos grandiosos, metodologias para o progresso que perpetuam a ilusão de soluções fáceis para os malefícios a que as organizações estão expostas. Ainda segundo Wood e Paula (2002) o pop-management é instrumento de consumo de muitos executivos, consultores, alunos e até mesmo professores do ramo de gestão.

Sobre o pop-management, Buss, et al. (2014), afirma que, a mesma, tem o papel de orientar o gestor através da disseminação das melhores práticas, a um sucesso profissional devido a um bom desempenho, o que irá reforçar a sua imagem promissora, capaz de prover transformação a social, por ter uma razão além do que é estabelecido (capacidade empreendedora). Por outro lado, pode ser considerada, a perspectiva de que esse tipo de literatura, através de uma linguagem divertida, exerce poder “psicomaniplador”, capaz de promover a exploração econômica do trabalhador juntamente com a adoção de uma vida social alienada, conforme defendido por Wood e Paula (2002, apud. Tragtenberg 1980).

Destaca-se ainda que Nicolini (2003), ao relatar a construção histórica dos cursos de administração no Brasil, permite perceber a orientação, predisposição ao ensinamento acrítico, uma vez que, os cursos foram criados para a satisfação de necessidades econômicas, públicas e privadas existentes no país, tendo seus avanços mais significativos graças à influência norte-americana, que também baseava o seu ensino e formação à realidade de empresas produtivas – realidade, essa, desde a revolução industrial. O autor vai mais além, e iguala a formação em administração a uma linha de montagem, caracterizando o aluno analogamente à matéria-prima ao ser recebido pela instituição de ensino, e posteriormente, ao formar, entregue em forma de produto à sociedade. É importante ressaltar ainda, o caráter funcional do ensino, que ao dividir o estudo – divisão que se aproxima do sistema fabril e da divisão do trabalho - por áreas especializadas, dificulta o aprendizado genérico, impossibilitando o conhecimento holístico, que é capaz de reproduzir socialmente um profissional autônomo e transformador.

Nicolini (2003) resalta também o caráter mecanizado do administrador, que ao receber o conteúdo de ensino de forma fragmentada, terá que utilizá-lo e responde-lo de forma conexa e geral, fazendo com que o futuro administrador se comporte “como uma máquina que será capaz de operar – gerir e tomar decisões – dentro do que foi programada.” (NICOLINI, 2003, p.50).

Os estudantes de Administração são, na verdade, recipientes de conhecimento despejado pelos educadores e quanto mais capaz de preencher os recipientes, melhores educadores serão, analogamente, quanto mais facilmente aceitarem serem preenchidos, melhores

educandos também serão. Dessa maneira, quanto mais os educandos receberem conhecimento de forma autômata, mais afastados da consciência crítica e transformadora eles se tornam – o estudante que é trabalhado como produto não transforma o meio, age em conformidade com ele (NICOLINI, 2003).

Aktouf (2014) questiona a problemática da formação de administradores pela finalidade do curso de Administração. Em sua pesquisa, adjetiva o curso de administração como formação elitizada, centrada na lógica da reprodução, pois, graças ao conservadorismo e elitismo, apenas reproduz nos estudantes os mesmos modelos, comportamentos e pensamentos espelhados nos atuais dirigentes, o que se comporta como um empecilho na formação de administradores orientados para a promoção de mudanças. Aktouf (2014) refere-se ainda à administração como formação desumanizadora, que leva o administrador a corresponder com a destruição da natureza e com o vínculo de solidariedade em prol do capital, pois, trata-se de uma formação que é concebida como uma “ciência ou arte de fazer dinheiro” (AKTOUF, 2014, p. 152).

Tendo isso posto, questiona-se: o administrador é autônomo, crítico ou unidimensional? A partir desse questionamento, o presente trabalho visou tratar dos aspectos inerentes à imagem construída do administrador, no que se refere ao seu caráter racional, crítico e autônomo, conjuntamente com a influência que sua formação exerce como processo progressivo dessa imagem, levantando questões à luz da teoria crítica de Marcuse, compreendendo nessa profissão adjetivos comuns ao do Homem Unidimensional, refletido em sua respectiva Sociedade Unidimensional.

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 “A ideologia da Sociedade Industrial – O Homem Unidimensional”

Para Marcuse (1973) a sociedade proveniente do progresso técnico, a sociedade unidimensional, é uma sociedade que reprime os sujeitos, que os mecaniza através do processo produtivo e do trabalho, exigindo desempenhos socialmente necessários e penosos invadindo e suprimindo a individualidade dos sujeitos. A sociedade industrial desenvolvida, unidimensional, faz o aparato técnico da produção e sua distribuição deixarem de se portar como instrumentos que produzem efeitos isolados na sociedade e assumem uma influência social e política na vida dos indivíduos, uma influencia em caráter totalitário.

Esse caráter totalitário não se limita somente às atitudes e decisões sociais, mas sim ao atingir as aspirações individuais, a subjetividade, invadirem a vida privada de seus indivíduos, levando-os a um condicionamento. “(...) a tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle e coesão social” (MARCUSE, 1973, p. 18). A sociedade industrial se transforma em uma sociedade acrítica, instrumental, irracional, que reprime e condiciona o indivíduo, ou seja, tanto a sociedade quanto o indivíduo que a ocupa, se consolidam unidimensionais e perdem o poder de negação, de recusa ao que é imposto pela administração total.

A repressão do indivíduo exigida pela sociedade industrial é uma repressão condicionada, mas aceita como democrática e confortável, fazendo o sujeito acreditar estar desfrutando de sua liberdade. Os fatores que levaram à origem da sociedade industrial, como direito e liberdade, foram institucionalizados e perderam a sua dimensão crítica na sociedade, se tornaram conceitos produtivos e racionais. As necessidades primordiais se transformaram. A sociedade unidimensional perde a sua autonomia e o direito de se opor ao sistema vigente quanto mais essa mesma sociedade é capaz de atender as necessidades dos sujeitos da forma pela qual se organiza. Ou seja, não há liberdade em sentido tradicional, há controle, há condicionamento.

Logo, se as formas de vida são condicionadas, acreditando-se desfrutar de uma sociedade livre, sendo que essa mesma sociedade exige a aceitação de sua estrutura e organização totalitária, mantendo um meio de vida visto como democrático e

confortável, a oposição perde sua força, passa a ser entendida como algo ilusório, sem sentido e até mesmo irracional.

Marcuse (1973) descreve também, a irracionalidade da sociedade unidimensional ao perder de forma hostil o senso crítico e de oposição ao sistema de coisas estabelecido, de forma que as contradições da sociedade são cobertas pelo véu da racionalidade funcional, acreditando serem essas as condições *sine qua non* para o progresso e melhoria da condição de vida humana.

Para que os indivíduos da sociedade unidimensional se comportem de maneira condescendente com a sua organização totalitária são apresentadas formas de controle social, através da implantação das necessidades materiais e intelectuais que preservam as maneiras obsoletas de luta pela existência, o que exerce forte resistência contra a libertação dos controles exigidos (MARCUSE, 1973).

(...) O aparato impõe suas exigências econômicas e políticas para a defesa e expansão ao tempo do trabalho e ao tempo livre, à cultura material e intelectual. Em virtude pelo qual se organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois “totalitária” não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o surgimento de uma oposição eficaz ao todo. (MARCUSE, 1973, p 24-25).

As formas de controle sobre a vida dos sujeitos se estendem desde a forma como é organizado o seu trabalho, até o seu espaço individual, privado e sua própria consciência. A sociedade industrial ao promover a produtividade crescente, a exploração máxima dos recursos e um padrão crescente de vida, ela internaliza nos sujeitos necessidades falsas que fazem com que toda a servidão e oposição sejam aceitáveis - necessidades falsas porque representam necessidades acima das biológicas, as de subsistência (MARCUSE, 1973).

A sociedade unidimensional é capaz de entregar mercadorias e suprir as necessidades dos indivíduos que foram condicionadas pelas próprias instituições dessa sociedade. Ou seja, as necessidades são administradas, de forma que os que reprimem os indivíduos a uma vida e labuta, temor e servidão em troca de necessidades materializadas e falsas, são os mesmos que condicionam os indivíduos a verem esse tipo de materialização como necessidade. Então, a liberdade e autonomia são expropriadas de seus principais agentes.

A sociedade industrial, unidimensional e totalitária invade a consciência do indivíduo, fazendo com que a sua existência e até mesmo a noção dela, seja uma etapa progressiva de alienação, pois, há uma identificação de existência condicionada, de liberdade e autonomia com a realidade concreta. O consumismo engolfou o homem não só fisicamente, mas até mesmo a sua consciência, o automatizou. “(...) a falsa consciência de sua racionalidade, se torna a verdadeira consciência” (MARCUSE, 1973, p. 31).

Toda essa introjeção na consciência não é percebida pelos sujeitos pelos mesmos terem perdido a sua capacidade crítica, de recusa da sociedade estabelecida e ao mesmo tempo por eles serem conformistas com essa sociedade. “Nas condições de um padrão de vida crescente, o não-conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, principalmente quando acarreta desvantagens econômicas e políticas tangíveis e ameaça o funcionamento suave do todo.” (MARCUSE, 1973, p. 24). Assim, o sujeito é condescendente com a administração totalitária da sociedade unidimensional por a mesma prover o conforto da satisfação de suas necessidades falsas, um consumismo disfarçado de progresso e alto padrão de vida.

É importante ressaltar ainda, que o atingimento das falsas necessidades do homem, o consumo, reproduz também uma consciência feliz, que para Marcuse (1973) se aproxima mais de uma “euforia na infelicidade” (MARCUSE, 1973, p.26) que é objetivada na felicidade. Então, quanto mais a administração totalitária for capaz de perpetuar e atender as necessidades falsas dos sujeitos, mais consciência feliz será reproduzida, mais controle e dominação o aparato produtivo, a industrialização e a tecnologia exercerão sobre os sujeitos, pois, se a consciência feliz - por mais que não seja verdadeira - existe, não há motivos aparentes ou até mesmo racionais para oposição a estrutura e organização desta sociedade.

Quanto mais o indivíduo se submeter ao trabalho repressivo, quanto mais produtivo, condescendente com o sistema for, maior a capacidade de atingimento de suas necessidades. Ou seja, quanto mais ele contribuir com a administração totalitária que o automatiza, que extorque a sua autonomia de conduzir a própria vida, de se emancipar, mais necessidades falsas serão atendidas, mais consciência feliz é reproduzida e por consequência mais preso e dependente da administração totalitária ele se torna.

Marcuse (1973) também relaciona o caráter do trabalho como forma de redução da negatividade e oposição a sociedade. O universo político que administra a sociedade unidimensional é capaz de dominar o homem pelo trabalho, de personificar sua racionalidade técnica no aparato produtivo e conduzir o avanço desse aparato bem como a automatização como um fator que cristaliza ainda mais a dominação.

Marcuse (1973) ressalta ainda, que o uso da racionalidade técnica, que substitui a força e tensões físicas pela força da “mente”, deu ao indivíduo uma falsa concepção de autonomia no trabalho. Além disso, o surgimento dos profissionais que se empenham em organizar, gerir o trabalho, que através do uso de sua racionalidade instrumental tenta fazer a servidão ser mais aceitável, acreditando ao mesmo tempo estar desfrutando de sua autonomia, contribui para que o movimento oposicionista, de recusa, seja então recusado, o pensamento crítico perde a sua lógica e torna-se instrumental. Pior que isso, esse profissional não se isenta da condição de escravo.

A sua escravidão é consolidada em sua representação, na sua utilidade, na sua condição de coisa, independentemente da forma como a coisa se mostra. A exploração atingiu também o seu progresso, deixando de ser meramente física, para atingir os campos psicológico e biológico. Há extorsão das aptidões técnicas e mentais do trabalhador. Em sua fase mais avançada, essa extorsão mental passa a ser uma necessidade dos trabalhadores:

(...) nota-se uma “sofreguidão” do trabalhador para “compartilhar da solução de problemas de produção” um “desejo de participar ativamente pela aplicação de seus cérebros na solução de problemas técnicos e de produção que claramente se enquadram na tecnologia”. Em alguns dos estabelecimentos tecnicamente mais desenvolvidos, os trabalhadores mostram até um interesse adquirido no estabelecimento – um efeito frequentemente observado da “participação do trabalhador” da empresa capitalista (MARCUSE, 1973, p. 47).

O aniquilamento da oposição é tão intenso que os indivíduos se convencem dos benefícios que essa sociedade produz e as abstrações de uma transformação qualitativa do mundo são entendidas como ilusórias e sem sentido. A sociedade é capaz de elevar o padrão de vida administrado e reproduz a “felicidade” nas mercadorias e serviços entregues, não havendo motivos para se investir em formas de vida diferentes. “É bem verdade que as mercadorias materiais e mentais oferecidas podem ser ruins, extravagantes, imprestáveis – mas *Geist* e conhecimento não são argumentos eficazes contra a satisfação das necessidades” (MARCUSE, 1973, p. 64).

Como agravante Marcuse (1973) ainda se refere à grande facilidade de introjeção individual dos meios de informação em massa. Ele afirma que as mídias encontram facilidade em fazer aceitar os interesses particulares – poderes dominantes - como sendo comum a cada indivíduo. A racionalidade instrumental e funcional dessa sociedade é capaz de apresentar cálculos que sejam assaz convincentes para aceitação das diretrizes da administração total. Feenberg (2012) afirma que para Marcuse (1973) a racionalidade instrumental e até a ciência dessa referida sociedade é utilizada para o cumprimento de interesses do sistema capitalista. “As necessidades políticas da sociedade se tornam necessidades e aspirações individuais, sua satisfação promove os negócios e a comunidade, e o conjunto parece constituir a própria personificação da Razão” (MARCUSE, 1973, p. 13). Marcuse (1973) defende ainda, que a diferença entre a sociedade industrial e as suas predecessoras são as aptidões intelectuais e materiais, a conquista das forças sociais através da tecnologia, da eficiência e do padrão crescente de vida, ao invés do terror.

O fechamento do universo da locução também é um fator de consolidação da unidimensionalidade dessa sociedade. Marcuse (1973) profere a incapacidade de interpretação dos conceitos das palavras para além de seu significado funcional, ou seja, as locuções são privadas de seus conteúdos transcendentais e são ligadas a seu uso, sua função. O universo da comunicação é modificado de forma a confirmar o comportamento unidimensional: “sua linguagem testemunha a identificação e a unificação, a produção sistemática de pensamento e ação positivos, o ataque concertado às noções transcendentais e críticas” (MARCUSE, 1973, p. 93).

As palavras têm efeito hipnótico quando são usadas repetidamente em determinadas situações e ligadas a determinadas imagens. “O leitor ou ouvinte deverá associar (e de fato associa) essas imagens a uma estrutura de instituições, atitudes e aspirações fixadas esperando-se que ele reaja de um modo específico fixado” (MARCUSE, 1973, p. 98). Há uma identificação da palavra com “as coisas como são” com a sua função ou maneira de funcionar de forma instantânea, erradicando o pensamento dialético da sociedade e reforçando ainda mais o condicionamento e conformismo com a administração total. A distância entre a aparência e a realidade é barrada na consciência, é impedida de agir no processo de cognição. Assim, guerra pode significar paz, liberdade pode significar labuta e progresso pode significar submissão humana. A

locução tem apenas seu sentido em si, é absorvida na forma que foi dita e não as suas pretensões e contradições.

Marcuse (1973) ao considerar a linguagem política como análoga à da administração total, uma linguagem de propaganda, acredita que está sendo fechada a lacuna entre esses dois campos distintos na sociedade, perdendo o poder de denúncia. Sendo assim, o fechamento do universo da locução demonstra até que ponto a administração e a dominação são forças e funções separadas na sociedade tecnológica:

Isso não quer dizer que o poder dos políticos profissionais diminuiu. Dá-se justamente o contrário. Quanto mais global for o desafio por eles criado para enfrentá-la, quanto mais normal a vizinhança da destruição total, tanto mais estarão eles livres da soberania popular eficaz. Mas a dominação dos políticos foi incorporada aos desempenhos e repouso diários dos cidadãos e os “símbolos” da política são também dos negócios do comércio e da diversão (MARCUSE, 1973, p. 108).

O pensamento unidimensional é a consolidação do homem unidimensional, a *mimese* plena do sujeito, significa a absorção da ideologia social no âmbito da consciência, da cognição como racionalidade e realidade.

O uso da razão como forma de se chegar a uma verdade e conhecer a realidade é a junção entre a razão subjetiva e objetiva, a mediação entre o pensamento negativo e positivo, o pensamento dialético, que é capaz de unir teoria e prática como forma de se chegar à verdade, de se chegar ao entendimento de como o homem e as coisas realmente são (MARCUSE, 1973). Para Marcuse (1973) a verdade é a realidade e a razão é a capacidade de se distinguir o real do não real. Sendo a verdade um valor, chegar à verdade, chegar à realidade, ao que é verdadeiramente é, é melhor do que não chegar à verdade, a realidade, é melhor do que não ser.

Assim, aquele que não faz de sua razão a distinção do verdadeiro e do falso, não só não conhece a verdade, como também não é racional e deixa de ser, ou seja, também abre mão de sua existência enquanto sujeito. Mas, ainda assim, a sociedade tecnológica busca a demonstração da verdade de forma objetiva, descartando a condição subjetiva da lógica, a dialética, o que desencadeou no surgimento de uma racionalidade instrumental e positiva.

Porém, se o conhecimento da verdade e realidade é a consolidação do homem como racional e de sua capacidade de existência, todo aquele que se esforça na procura da

realização nas potencialidades de satisfação de suas necessidades falsas, tem sua existência também falsa e não racional. Assim, a forma de organização da sociedade que exige a procura das necessidades falsas de vida como ocupação de tempo integral, como uma ocupação da vida inteira para específicas classes sociais, garante aos sujeitos uma vida não livre, um impedimento à existência humana. “Neste sentido, a proposição clássica segundo a qual a verdade é incompatível com a escravização pelo trabalho socialmente necessário ainda é válida” (MARCUSE, 1973, p. 129).

As conquistas científicas e até mesmo as capacidades cognitivas e da consciência que, reforçam a progressão de uma vida que se esforça para as conquistas das necessidades dessa mesma vida – capacidade essa, não ontológica – são responsáveis pela concretização da existência inverídica, autômata, e unidimensional e até mesmo antiética, uma vez que, o conhecimento do que é verdadeiro o pensamento e a ação do sujeito são em si, uma unidade.

Assim, o pensamento unidimensional, o homem unidimensional, se assenta na incapacidade dessa sociedade usar sua razão dialética, de desconstruir a realidade concreta através da abstração e subjetividade e negação do universo estabelecido pela administração total e ao mesmo tempo transformar a realidade em sua epistemologia, em ação no mundo, em uma vida qualitativamente melhor e digna de ser vivida.

2.2 A Formação do Administrador na Sociedade Industrial

Tendo como precursor do desenvolvimento industrial na sociedade, a necessidade de divisão do trabalho e o progresso do sistema capitalista, surgiu a profissão dos administradores. Segundo Nicolini (2003) o curso de administração surgiu no Brasil graças às necessidades econômicas, públicas e privadas existentes no país, tendo o curso se consolidado através da influência norte-americana, lugar de onde o curso foi proveniente.

Aktouf (2014) levanta questionamentos sobre a formação dos administradores refletindo sobre a sua finalidade. Ele enfatiza que a formação em administração tem sua natureza na reprodução de modelos, comportamentos e pensamentos baseados nos atuais dirigentes. Em uma pesquisa realizada por Borba *et. al* (2011) por exemplo, nota-se uma preocupação em demonstrar competências contemporâneas necessárias ao atual profissional de administração de forma que o mesmo se torne empregável pelo mercado

e consiga tomar decisões mais próximas das de seus dirigentes. Borba *et. al* (2011) também corrobora sobre o fato de que a formação em administração segue modelos ditados pela sociedade. Assim, os novos Administradores são feitos "sob medida" para a perpetuação da estrutura social. Remetendo a Marcuse, esse tipo de formação é um método de dominação da Sociedade Industrial para garantir seu *status quo*.

Aktouf (2014) ainda adjectiva a área administrativa como “ciência ou arte de fazer dinheiro” (AKTOUF, 2014, p. 152), ora, sendo o capital o bem mais precioso da sociedade capitalista, o papel do administrador será então de cuidador do bem mais precioso, nesse profissional está a capacidade de assegurar o bem absoluto e, dessa forma, o administrador apresenta um comportamento patológico e desconectado da realidade (AKTOUF, 2014).

Aktouf (2014) além de criticar o condicionamento do comportamento dos administradores, critica o fator quantitativo e matematizante das disciplinas da administração, pois, ele acredita serem elas uma das responsáveis pela sua desconexão com a realidade, uma vez que favorece um raciocínio funcional, priorizando soluções rápidas, condicionando e automatizando os estudantes como máquinas, ao invés de fornecerem a eles o desenvolvimento da sensibilidade, inteligência e intuição. Sobre a perspectiva funcional do ensino Aktouf (2014) afirma:

Ele conduz à busca cega do lucro e da rentabilidade que são indiferentes ao sofrimento humano, ao desemprego, à miséria, à poluição e a outros problemas causados pela lógica economista e maximizadora dominantes. A matematização da economia que faz do cálculo e do livre mercado os pontos de referência mais marcantes da formação em administração dá uma visão errônea da realidade (AKTOUF, 2014, p.153)

Sobre a funcionalização do estudo em administração, Siqueira (1987) também relata a orientação formativa dos administradores para suprir demandas do mercado de trabalho e, ressalta que os alunos diante das dificuldades de enfrentar esse mesmo mercado, manifestam uma preferência a disciplinas instrumentais, pois, “acreditam que o adestramento técnico lhes garantirá maiores chances que uma formação mais generalista” (SIQUEIRA, 1987, p. 53).

Nicolini (2003), também destaca o caráter acrítico da formação do administrador ao relacioná-la com uma linha de montagem, que faz o aluno se portar como matéria prima ao ser recebido pela instituição de ensino, passando por um processamento e

beneficiamento e posteriormente entregue ao meio social em forma de produto. Nicolini (2003) sobressai também à divisão das áreas de estudo como análogas ao de um sistema fabril e da divisão do trabalho, sendo que, essa divisão especializada funciona como barreira à integração do conhecimento a um aprendizado holístico, que funcionaria como capacidade de afluir sua consciência transformadora. Além disso, Nicolini (2003) faz alusão da formação com o caráter mecânico do administrador, que ao receber o conteúdo em fragmentos e reproduzi-lo de forma generalizada, acarreta um comportamento do administrador “como uma máquina que será capaz de operar – gerir e tomar decisões – dentro do que foi programada” (NICOLINI, 2003, p.50).

Numa análise mais progressiva, Aktouf (2014) desnaturaliza a concepção de administração enquanto ciência e revela sua posição doutrinária, ideológica, por ser uma fundamentação das escolas americanas e dos grandes dirigentes, padrões ou controladores que visavam à rentabilidade, maximização e multiplicação.

Barros (2013) coaduna com Nicolini (2003) ao ressaltar que a influência estadunidense é determinante para a criação de cursos superiores de administração no país. Contudo, após seus estudos nas bases históricas da criação do curso durante as décadas de 40 e 50, Barros (2013) denuncia que a criação do curso de administração foi estimulada pela Guerra Fria para que ocorresse o “desenvolvimento” do país na medida em que se desse o livramento de ameaça comunista que aqui se instaurava. Além disso, Barros (2013) ao citar Trigueiro (1966), relator do currículo mínimo da administração, mostrou como se deu essa influência para a consolidação dos cursos de administração:

A influência americana tem sido bastante significativa, inclusive nos seus reflexos sobre a experiência brasileira. [...] No caso de Administração, corremos o risco de fixarmos sobre hipóteses transplantadas de fora para cá. As ciências psicossociais no currículo de Administração, destinadas a vinculá-la às condições de cada país, passariam a ter efeito contrário se nos impusessem modelos inspirados em contextos diferentes dos nossos. Só o método de pesquisa, como meio de elaboração criadora, e a formação de um repertório bibliográfico próprio podem impedir as distorções que a assistência técnica e o material de informação, de procedência estrangeira, especialmente americana, seriam capazes de provocar em nosso país (BARROS, 2013, p. 267 apud. TRIGUEIRO, 1966, s. p.).

Essa declaração é assaz aplicável à ideia de que a administração desde sua criação tem seu objetivo enraizado na dominação, bem como, a sua capacidade de se portar como

barreira às distorções, negações ou à afluência de alternativas qualitativamente diferentes da realidade concreta e conformista da sociedade.

Barcellos *et al.* (2011) afirmam que as instituições universitárias, altamente responsáveis pela formação dos discentes, fazem escolhas diárias (conscientes ou não) direcionadas ao alinhamento com o mercado. Ainda segundo aos autores, neste cenário, a formação do Administrador acaba sendo um verdadeiro desafio, uma vez que ele precisa ser autônomo e ter identidade própria frente às demandas de mercado e à formação oferecida que, em sua maioria, busca suprir essas demandas e nada mais.

Barcellos *et al.* (2011) afirmam ainda que a literatura utiliza no mecanismo de ensino-aprendizagem - o chamado *pop management* - contribui de forma efetiva para que a formação do Administrador seja a mais alinhada à sociedade quanto possível.

(...) é preciso que a universidade se configure como um espaço que viabilize e estimule a emancipação humana, baseado em uma visão crítica da história, da realidade e da possibilidade de construção de futuros alternativos, (...) e não linearmente concebidos como inevitáveis (BARCELLOS *et al.* 2011, p.690).

Segundo Maranhão (2010) o período de formação do Administrador não proporciona oportunidades para uma visão crítica da sociedade.

Tal qual na arte, na educação as pessoas também perderam a capacidade de “contar suas histórias”, tornando-se, todas, espectadoras de um roteiro não escrito por elas. A experiência formativa não compõe mais o momento da educação. As relações entre professor e aluno, entre os alunos e a sociedade não são esferas para o questionamento e nem para a constituição dos sujeitos (MARANHÃO, 2010, p.217).

A realidade discutida é aquela que foi estabelecida como verdadeira, mas que de fato não o é, pois "(...) aquilo que é não pode ser verdadeiro" (MARCUSE, 1973 *apud* BLOCH, 1961). Assim, "o mundo da experiência imediata - o mundo em que nos encontramos vivendo - deve ser compreendido, transformado e até subvertido para se tornar aquilo verdadeiramente é" (MARCUSE, 1973, p.125).

Neste sentido, Maranhão (2012) aponta para a necessidade de se pensar sobre a formação crítica dos administradores sob o enfoque da Dialética Negativa, uma vez que:

Este exercício negativo significa a possibilidade de formação crítica na área e a recuperação do momento de realização do projeto de esclarecimento da educação. Formados sob esta premissa dialética, os administradores se “meterão no que não é da sua conta”, despontando como intelectuais; ou seja, aqueles capazes de conhecer os significados sociais de sua profissão e de agir

sobre eles, em busca de uma vida mais igualitária e justa para todos (MARANHÃO, 2012, p.05).

2.2 A Administração e sua Faceta Unidimensional

A sociedade unidimensional, segundo Marcuse (1973), desenvolve suas formas de controle sobre o sujeito de maneira assaz sólida e exerce seu poder na medida em que alcança a consciência individual dos mesmos e consolida a sua dominação coberta pelo véu da autonomia e da liberdade, “o resultado não é o ajustamento, mas a *mimese*; uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo” (MARCUSE, 1973, p. 31). A alienação dos sujeitos é estendida, se torna progressiva, pois, não se comporta mais como uma característica ilusória de concepção da realidade. A etapa progressiva da alienação se cumpre na conscientização de que a ordem estabelecida é a realidade e, logo também é a verdade.

Marcuse (1973), afirma que essa *mimese*, identificação instantânea dos sujeitos com a sociedade e com o todo são um produto de uma “gerencia e organização complicadas e científicas” (MARCUSE, 1973, p. 31- grifo meu). O que revela a sua adesão à ideia da Administração como um dos pilares do totalitarismo e da ideologia da sociedade industrial.

É de suma importância ressaltar que o sujeito como veículo e objeto da dominação, da administração total, não são conformados com essa organização social por uma distorção moral ou intelectual, pois, a redução da liberdade e da oposição “é antes um processo social objetivo na medida em que a produção e a distribuição de uma quantidade crescente de mercadorias condescendem com uma atitude tecnológica racional” (MARCUSE, 1973, p. 62).

A mecanização do trabalho transformou também as atitudes e condições do explorado, os mesmos reproduzem reações automáticas e semiautomáticas, pois, a maquinaria exerce o ritmo da servidão, alarga o tempo do trabalho, por ter o trabalho se tornado uma ocupação para toda a vida, mas agora, uma ocupação controlada, entorpecedora, desumana e exaustiva. Além disso, a fase progressista da automatização, expressa sua face coibida, parcial, que permite a substituição da fadiga muscular, da exploração física, pela tensão e esforços mentais (MARCUSE 1973). “Esse tipo de escravização magistral não é essencialmente diferente da escravização da datilógrafa, do contador bancário, do vendedor eficiente e do locutor de televisão” (MARCUSE, 1973, p. 43).

É importante ressaltar também que a maquinaria foi uma das responsáveis pela erradicação da autonomia profissional – antes, o poder de parar um processo que o impedia de agir como ser humano. Em uma análise, Marcuse esclarece que:

A máquina afirma sua maior dominação ao reduzir a “autonomia” profissional do trabalhador, integrando-o com outras profissões que sofrem e dirigem o conjunto técnico, no quanto, se torna, ela própria, um sistema de ferramentas e relações mecânicas, indo assim, mais além do processo de trabalho individual (MARCUSE, 1973, p. 45).

Ou seja, independentemente de se exercer função trabalhista que não dependa diretamente da maquinaria, a autonomia profissional continua sendo aniquilada, pois, a mecanização sofrida pelas demais profissões é a mecanização da própria mente e consciência individuais. Os dirigentes do “conjunto técnico” se baseiam na funcionalização, em ferramentas, técnicas e relações mecânicas.

As transformações que o trabalho desencadeou nos indivíduos é antes uma mudança na consciência que posteriormente irá corresponder na existência social. As organizações das tecnologias que mecanizam o trabalho geram também uma dependência mental:

Nota-se uma “sofreguidão” do trabalhador para “compartilhar da solução dos problemas de produção”, um desejo de participar ativamente pela aplicação de seus cérebros na solução de problemas técnicos e de produção que claramente se enquadram na tecnologia (MARCUSE, 1973, p. 47).

É importante ressaltar também a condicionalidade da escravidão defendida pelo autor. Para ele, a escravidão não teve seu fim na redução da dureza do trabalho, nem na redução em seu esforço físico, nem na substituição de controles físicos pelos controles políticos e até mesmo na noção errônea de aplanamento das classes sociais. “Os escravos da civilização industrial desenvolvida são escravos sublimados, mas são escravos.” (MARCUSE, 1973, p 49). Para Marcuse (1973) a escravidão do sujeito se dá na sua instrumentalização, em sua forma reduzida de existir como coisa:

(...) e essa forma de existência não é ab-rogada se a coisa é animada e escolhe seu alimento material e intelectual, se não a percebe de que é uma coisa, se é uma coisa bonita, limpa e móvel. Inversamente, ao tender a espoliação para tornar-se totalitária em virtude de sua forma tecnológica, os próprios organizadores e administradores se tornam cada vez mais dependentes da maquinaria que eles organizam e administram. E essa dependência mútua não é mais a relação de Senhor e Servo, já rompida na luta pelo reconhecimento mútuo, mas, antes, um círculo vicioso que inclui tanto Senhor como Servo. Os técnicos de fato dominam, ou será o seu domínio daqueles que confiam nos técnicos como seus planejadores e executores? (MARCUSE, 1973, p. 50 – grifo meu).

O autor, ao refletir sobre as características da sociedade unidimensional e considerar seus efeitos evolutivos, nos concebe a ideia da sociedade tal qual temos hoje. Marcuse (1973) acredita que o progresso do capitalismo nessa sociedade se revelaria como capaz de melhorar o padrão de vida dos indivíduos apesar de suas disfunções. Para tal, a utilização de recursos e das aptidões produtivas necessitaria de esforços reiterados para exercer as exigências do aparato produtivo aos sujeitos. Tais esforços são: os de criação de necessidades aos indivíduos de adquirir mercadorias que geram lucro ao serem comercializadas, o desejo de trabalhar em busca da satisfação plena dessas necessidades ao mesmo tempo em que o trabalho a perpetua e, por fim, o esforço de descarte do excesso da capacidade produtiva. Dessa forma:

O sistema tende, assim, tanto para administração total como para pública e privada, reforçando a harmonia preestabelecida entre os interesses do grande público e das corporações privadas e dos seus fregueses servidores. Nem a nacionalização parcial nem a participação aumentada dos trabalhadores da gerência e dos lucros alterarão por si esse sistema de dominação – enquanto o próprio trabalho permanecer uma força sustentadora e afirmativa (MARCUSE, 1973, 51).

Marcuse (1973) relata como “a dominação se transfigura em administração” (MARCUSE, 1973, p. 49), e afirma que a decadência do pensamento negativo pela classe trabalhadora é ainda mais reforçada pelos gerentes e a direção. Os proprietários de empreendimentos capitalistas passam a ter funções burocráticas enquanto perdem a responsabilidade como agentes da dominação. “A decepção e o ódio são privados de seu alvo específico e o véu tecnológico esconde a reprodução da desigualdade e da escravização” (MARCUSE, 1973, p.49). A face da dominação é velada na racionalidade objetiva da administração, levando a uma subtração da responsabilidade dos verdadeiros causadores.

Ao mesmo tempo em que Marcuse destaca em sua obra a função do administrador como pilar da sociedade industrial por, através de sua racionalidade objetiva se portar como instrumento de introjeção da ideologia capitalista, ele descreve também a dominação sobre a sociedade administrada como efeito do uso de sua linguagem. A linguagem utilizada pela administração total é funcional, traduz conceitos dialéticos e negativos em positividade e conformismo. O homem é treinado para o esquecimento para que o todo continue em funcionamento.

Coadunando com essa perspectiva, Marcuse (1973) também destaca o caráter positivo da administração como ciência, que traduz conceitos em características operacionais, generalidades em atributos individuais, que usa métodos empíricos de forma positiva, como se as características subjetivas e até mesmo históricas tivessem certa estática, rigidez, conforme as leis da natureza, o que leva a uma alteração significativa no sentido original dos fenômenos e conceitos. Para ele, a pesquisa empírica como forma de traduzir conceitos em comportamentos e padronizá-los, assim como sua comunicação funcional, é uma forma de erradicar o poder do negativo e passar para o positivo, afirmativo, “uma tradução que tem por efeito reduzir a tensão entre pensamento e realidade pelo enfraquecimento do poder negativo daquele” (MARCUSE, 1973, p. 109).

O autor evidencia que a tradução operacional dos conceitos não considera seu conteúdo para além do contexto particular a que foi utilizado, não transcende a realidade concreta, o que consolida o caráter positivo, afirmativo, das coisas como elas se mostram. A dialética é recusada e a interpretação reducionista dos fenômenos considerando apenas sua face concreta em detrimento da face abstrata, aflui (MARCUSE, 1973). A padronização da tradução operacional dos conceitos faz com que sua tradução seja imediata à sua função ou utilidade no contexto de análise.

Marcuse (1973) é ainda mais específico à administração ao referir-se às características terapêuticas dos estudos sobre motivação, comercialização e opinião pública. Para ele, essas pesquisas são o pensamento “metodicamente (grifo meu) colocado a serviço da exploração e do aprimoramento das condições sociais existentes, dentro da estrutura das instituições sociais existentes” (MARCUSE, 1973, p. 110). Ademais, a sociedade tomada como referência é a mesma tanto na teoria quanto na prática, porém, é inteiramente válida a ideia de que as traduções positivas e terapêuticas não apresentam nenhum prejuízo a esse tipo de sociologia e psicologia. Mas, essa mesma sociedade, quando é analisada sob a perspectiva da teoria crítica, que busca desnaturalizar os fatos e suas condições particulares, determinando seu lugar e função, desvela a natureza ilusória e ideológica do empirismo positivista.

O autor ainda esclarece a origem das relações humanas no campo social, econômico e político como uma forma das gerências descobrirem formas de deter os trabalhadores e os sindicatos. A pretensão não é de desnaturalizar fenômenos baseados em uma teoria crítica, “mas adestrar supervisores em métodos mais humanos e eficazes de lidar com os

seus trabalhadores (somente o termo humano parece não-operacional e carente de análise)” (MARCUSE, 1973, p. 114).

Dessa forma, a constituição da ciência na administração, como uma sociologia empírica e positiva, é uma ciência ideológica, pois, traduz conceitos gerais em particulares à luz da esfera prática da realidade concreta, ao invés de abstrair, negar, transcender e por fim desnaturalizar os fenômenos, podendo mostrar as coisas como realmente são. Além disso, ao traduzir conceitos gerais em particulares, parte constituinte desse conceito não é considerada, levando a uma deturpação a respeito de seu conteúdo verdadeiro, sendo assim:

(...) A análise descritiva dos fatos bloqueia a apreensão dos fatos e se torna um elemento da ideologia que sustenta os fatos. Proclamando a realidade social existente sua própria norma, essa Sociologia fortalece nos indivíduos a “fé destituída de fé” na realidade da qual eles são vítimas: “nada resta da ideologia a não ser o reconhecimento daquilo que é – modelo de um comportamento que se submete ao poder arrasador do estado de coisas estabelecido”. A contradição clara reafirma seu direito contra esse empirismo ideológico: “... aquilo que é não pode ser verdadeiro.” (MARCUSE, 1973, p. 121).

Ou seja, a administração enquanto ciência social empírica e positiva se torna doutrina, ideologia e manipulação, ao mesmo tempo em que se torna também um pilar dessa mesma ideologia, por permitir uma validade científica organizada por proposições instituídas na concretude de uma sociedade baseada na dominação geral, reproduzindo assim, formas de dominação particulares e conseqüentemente, irrealis. Maranhão (2010) afirma que a formação dos administradores segue como regra geral o fato de que está na natureza da Administração não ser crítica, tal qual uma "ontologia do estado falso" (MARANHÃO, 2010, p.222).

Neste sentido, os Administradores são formados sob uma falsa aparência de atitude crítica que nada mais é, senão que o ajuste para uma atitude crítica esperada, isto é, uma atitude que não é crítica, mas que para a realidade deturpada se estabelece como algo crítico para se fazer suprir as falsas necessidades de intervenção que os Administradores têm em relação à sociedade.

Destarte, analisando sobre preceitos da teoria crítica, à luz da obra de Marcuse (1973), é passível de percepção que, a profissão dos administradores na forma em que é concebida e vista, pelas bases de sua criação, pelas suas funções tecnocratas na sociedade e na máquina corporativa e, até mesmo em sua consolidação como ciência, revelam características assaz ideológicas inerentes à profissão. Os administradores existem na condição de coisa, de um instrumento que fixa a dominação e o totalitarismo sociais, revelando, apesar de sua sublimação, a sua condição de escravo, um escravo que se submete a dependência de um trabalho que exige um esforço mental, mas ainda, um escravo, por ser reduzido à condição de coisa.

Ademais, os administradores ao mesmo tempo em que fixam a ideologia social, também passam pela introspecção ideológica. Essa introspecção apresenta barreiras no que se refere a sua percepção consciente, pois, vem disfarçada de autonomia e liberdade, não evidenciando o fator de condicionamento. É importante ressaltar ainda, que a sua capacidade de tomar decisões baseadas em autonomia também é inverídica, pois, o administrador é apenas uma ferramenta instituída com o poder de decisão dos proprietários, ou seja, sua consciência e ação são condicionadas. Além disso, a eles se aplicam as características unidimensionais em seu pensamento e comportamento na sociedade.

De acordo com Santos e Wagner (2007) o processo da tomada de decisão faz parte das atividades do Administrador e ajuda a entender o trabalho que ele desenvolve como um todo. O processo de tomada de decisão se faz presente em todos os níveis da organização e diferentes ferramentas, métodos e modelos são disponibilizados para a execução deste processo por parte do Administrador. Segundo Santos e Wagner (2007) o processo de tomada de decisão deve ser racional e seguir as modelagens de um determinado processo decisório escolhido pela organização (e não pelo Administrador).

Em meio a tantas formas preestabelecidas para embasar a decisão a ser tomada, não seria esta decisão uma liberdade fantasiosa por parte de quem decide? O Administrador não estaria decidindo apenas entre opções já predeterminadas? Há verdadeira autonomia neste processo?

A racionalidade esperada ao se tomar a decisão seria verdadeiramente real? Para a Sociedade Industrial sim, pois "o que é real é racional" (MARCUSE, 1973, p.125).

Contudo, voltamos ao que Marcuse afirma sobre a realidade aparente, de que aquilo que é não pode ser verdadeiro porque o que é - nesta sociedade industrial - é deturpado.

Os administradores não são alheios às formas espoliadas de vida, à condescendência com as organizações que garantem alto padrão de vida, o bem-estar social e também a submissão às necessidades falsas perpetuadas pelo aparato produtivo que ele mesmo gerencia. Assim, a obra marscuseana permite retirar o véu que cobre a verdadeira função social do administrador, revelando a sua incapacidade autônoma e livre enquanto profissional. Adotando a abstração em relação à realidade concreta da administração e os profissionais da área, busca-se uma reflexão crítica sobre sua representação social e os sentidos da profissão.

METODOLOGIA

3.1 Descrição da Metodologia

A pesquisa proposta foi à conclusiva descritiva, já que o mesmo possui como característica básica a descrição das peculiaridades inerentes à figura do administrador sob a perspectiva crítica. A pesquisa descritiva se propôs a expor as características de determinado fenômeno, bem como avaliar as relações entre as variáveis pesquisadas (VERGARA, 2004). Devido à sua complexidade e flexibilidade, a pesquisa qualitativa não possibilita a definição de regras precisas, aplicáveis a todos os casos (GIL, 1991).

A coleta de dados foi desenvolvida com base documental, do tipo *desk research*, composta no canal da mídia “EXAME” presente no site *youtube.com*, (Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/portalexame>>).

A análise dos dados desta pesquisa foi realizada no canal da revista “EXAME” presente no site *Youtube.com* empregando a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2002) em seus vídeos. Foi analisado um total de dez vídeos provenientes da busca pela categoria “carreira”, “sucesso” e “administração”. Os dez primeiros vídeos que apareceram no site após a busca por tais categorias, no dia 18/07/2016, foram os vídeos analisados nesta pesquisa.

Durante a análise buscou-se identificar traços, características da unidimensionalidade tal como definido por Marcuse (1973) na figura dos administradores, principalmente nas representações requeridas pela profissão, tentando compreender as características dos administradores exaltados nesta mídia e suas relações com as características do Homem Unidimensional de Marcuse (1973).

Acredita-se que a mídia EXAME, que foi escolhida, apresenta papel significativo na formação de identidade dos administradores, uma vez que seu foco é dado em aspectos do *management* para gestores, ocupantes de cargos administrativos e pela mesma apresentar conteúdos metódicos e ações padronizadas para o alcance de uma boa carreira e sucesso profissional. Além disso, a referida mídia é bastante utilizada por gestores do país e apresenta em seu conteúdo orientações vindas de sócios de organizações e de gestores em destaque.

3.2 Apresentação e Discussão dos Resultados

No primeiro vídeo analisado, o título do mesmo já nos permite uma concepção do que está por vir: “*Quais as características comuns aos profissionais de sucesso?*”. Diante de tal título, já é possível perceber que se trata de uma indução a um padrão comportamental que quando tomado desencadeará o sucesso profissional. A resposta dada a essa pergunta que inicia a apresentação do vídeo é que existem certos “modelos mentais” comuns a uma carreira de sucesso:

Existem alguns modelos mentais que são os comuns aos profissionais de sucesso, não características, mas formas de pensar. Pessoas que pensam de formas específicas são aquelas que têm sucesso profissional. Um desses modelos profissionais, por exemplo, é aquela pessoa que consegue trabalhar todos os dias como se fosse dona do seu negócio, (...) essas pessoas pensam não somente nos seus passos, no seu pedacinho, mas também na organização como um todo e tomam todas as suas decisões no dia-a-dia como se fossem donos, pensando no trabalho de todos, mais comprometidos, nunca desistem e nem passam tempo nenhum reclamando. Todas as organizações querem um profissional assim (QUAIS AS CARACTERÍSTICAS COMUNS AOS PROFISSIONAIS DE SUCESSO, Exame.com em 21 nov. 2014 – grifo meu).

Diante de tais afirmações é possível perceber como as decisões que se firmam nos ideais particulares apresentam uma forma convincente para se tornar o de “todos os homens sensatos” (MARCUSE, 1973, p. 13) e representam ainda como a crítica foi barrada nesta sociedade. O vídeo em questão tenta na verdade induzir a tomada de decisões com base no interesse de seus proprietários, ou seja, com base na alta produtividade e

lucratividade, contudo, ele enfatiza que essas decisões são determinantes para o sucesso individual, conseqüentemente tomar decisões com base em interesses adquiridos é vantajoso para os indivíduos, não sendo revelado o principal objetivo dessas ações, que é verdadeiramente o acúmulo do capital por parte dos proprietários que agora se transformaram em “burocratas de uma máquina corporativa” (MARCUSE, 1973, p. 49) e não o sucesso dos indivíduos. A introjeção de ideais particulares como sendo individuais, contribui para o cumprimento das determinações dos poderes institucionais, ou seja, do totalitarismo.

Destaca-se também o uso do termo utilizado: “modelos mentais”, com o que é esclarecido por Marcuse (1973) que o uso da racionalidade técnica, da força da “mente” que tomou o lugar da força e tensões físicas no trabalho dão aos indivíduos uma falsa concepção de autonomia em suas atividades laborais e que ainda, o surgimento de profissionais que se empenham em organizar e gerir o trabalho em posse e uso da racionalidade instrumental é uma forma de fazer a servidão ser mais aceitável. Nota-se uma “sofreguidão” do trabalhador para “compartilhar da solução dos problemas de produção, um desejo de participar ativamente pela aplicação de seus cérebros (...)” (MARCUSE, 1973, p. 47). Assim, mesmo não exercendo uma função trabalhista que dependa diretamente da maquinaria, não se pode afirmar que o profissional é autônomo, pois, trata-se ainda de uma mecanização da própria mente e consciência individuais (MARCUSE, 1973).

É importante ressaltar ainda, que o conteúdo desse vídeo denuncia a ausência de autonomia e liberdade na tomada de decisões e consolida a condição de escravo por parte do profissional. Se as decisões são tomadas com base no pensamento de outrem, elas não podem ser consideradas autônomas e menos ainda consideradas como decisões tomadas com base na liberdade e subjetividade. As decisões não são tomadas e sim condicionadas, a autonomia, liberdade e subjetividade são reféns da dominação, dos interesses particulares, da sociedade administrada. Ademais, assim como defendido por Marcuse (1973) a condição de escravo não está ligada a dureza do trabalho e sim a condição de coisa, instrumento que o indivíduo assume. Logo, o indivíduo condicionado a tomar aquela decisão é apenas um instrumento para o cumprimento do todo social, porquanto é escravo.

Em um vídeo de título “*O maior bem que um profissional pode ter na vida*” é relatado que o maior bem que um trabalhador pode possuir é a sua relação com as pessoas, às relações de maior proximidade, que reconhecem o comprometimento do indivíduo com o trabalho, são relações potenciais para futuras indicações e parcerias. Nota-se, assim como defendido por Marcuse (1973) que houve uma funcionalização e quantificação das relações humanas, entendendo que os sujeitos são vistos como “bens”, coisas, meios para alcance de objetivos não somente dos poderes que exercem a dominação. A racionalidade instrumental se tornou tão progressiva, que até mesmo os indivíduos enxergam um ao outro como mercadoria numa visão utilitarista. Assim como no processo produtivo, as relações humanas no trabalho também sofreram reações mecânicas, ora, o que é isso senão a consolidação do homem mecanizado? As transformações que o trabalho desencadeou nos indivíduos é antes uma mudança na consciência que posteriormente corresponde na existência social (MARCUSE, 1973).

No conteúdo de “*Uma dica essencial para gestores*” encontram-se perspectivas sobre o tempo dedicado ao trabalho. É sugerido aos gestores que em um “mundo tão corrido” como atualmente, que eles não doem mais tempo ao trabalho, mas que saibam “otimizar o seu tempo” tentando entender o que é dito além das palavras, percebendo o que é importante para o outro: “(...) isso é importante para motivar, para engajar, pra mostrar pra pessoa da sua equipe que ele está sendo percebido por você, escutar é uma forma de demonstrar que você o vê” (UMA DICA ESSENCIAL PARA GESTORES, Exame.com, 16 de Março 2015).

Dessa forma, é percebido como o tempo do trabalho é estendido, como é exigido uma doação de tempo a atividades que desrespeitam ao trabalho, que são disfarçados em mero aperfeiçoamento do tempo. Além disso, destaca-se que escutar os trabalhadores é um método utilizado para motivar e engajar os indivíduos a cumprirem as determinações da empresa. Dessa forma, assim como defendido por Marcuse (1973) os estudos sobre motivação, comercialização e opinião pública são características de pesquisas terapêuticas que colocam o pensamento em forma de métodos a serviço da exploração e aprimoramento das condições sociais existentes. Ademais, podemos relacionar também com a afirmação marcuseana de que a origem das relações humanas no campo social é uma forma das gerências deterem os trabalhadores e também os sindicatos. Não há pretensão em desnaturalizar a faixada da racionalidade instrumental e

objetiva “mas adestrar supervisores em métodos mais humanos e eficazes de lidar com os seus trabalhadores” (MARCUSE, 1973, p. 114).

No vídeo, “*Como a psicologia positiva pode ajudar na carreira*” são citadas as contribuições de Abraham Maslow para com a psicologia positiva:

Maslow achava que tinha muita gente estudando doenças e resolveu estudar a saúde. O que essa psicologia, a psicologia positiva ensina pra gente é que 50% da satisfação com a vida, com a felicidade têm a ver com questões genéticas, 10% com o ambiente e 40% com as nossas próprias decisões, ou seja, com decisões conscientes e com forte propósito fica mais fácil ver a carreira decolar (COMO A PSICOLOGIA POSITIVA PODE AJUDAR NA CARREIRA, Exame.com, 06 de Janeiro 2016 – grifo meu).

Nesse vídeo há a tentativa de reforçar o caráter da liberdade e da autonomia dos gestores ao tomarem as decisões sobre a própria vida que lhe trarão satisfação e felicidade. Todavia, Marcuse (1973) relata a ausência das liberdades na sociedade unidimensional, afirmando que as “decisões sobre a vida e a morte” são tomadas em áreas que os indivíduos não têm controle algum, pelo contrário, que a liberdade só existe na negação de ser controlado por essas decisões, logo, o sentimento de felicidade em tomar as próprias decisões é tão irreal quanto à capacidade de tomar as próprias decisões. O que é percebido novamente é o véu da autonomia que cobre a escravidão e o atingimento de uma consciência feliz na infelicidade. É importante ressaltar ainda que, as decisões conscientes e com forte propósito que foram citadas como capazes de fazer a carreira promissora, são na verdade o pensamento e comportamento condescendente com o todo social, pois, quanto mais a crítica é aplanada e o indivíduo aproxima sua mente com a cooptação dos ideais particulares, mais sucesso e progresso é alcançado e consequentemente mais as forças da dominação são solidificadas.

Em “*Quais os Pilares do Sucesso de uma Apresentação*” são destacados passos para realizar um bom discurso numa apresentação. É ressaltado que se deve adequar a linguagem a ser utilizada ao público para o qual se discursa, transformando a informação em que se quer passar em significado para o público, mantendo a “conexão” das pessoas com o que está sendo dito.

E por fim o outro pilar de sucesso é a retenção da informação, o que eles precisam fazer depois que terminar a minha reunião, o que eu quero que esses adultos conheçam, sintam e façam na prática para que a minha apresentação seja um sucesso (...) no dia-a-dia quando todo mundo tiver comprado a minha ideia e tiver implementando tudo aquilo que a gente combinou (QUAIS OS PILARES DO SUCESSO DE UMA APRESENTAÇÃO, Exame.com, 26 novembro de 2014 – grifo meu).

Esse vídeo é a demonstração de como a linguagem da administração total é utilizada e também o seu objetivo em determinar comportamentos socialmente necessários (MARCUSE, 1973). Há a defesa de estratégias utilizadas para a manipulação do comportamento e da mente dos indivíduos para que eles “implementem” aquilo que previamente foi planejado pelos interesses particulares que exercem a dominação. Além disso, quando é afirmado que se deve utilizar uma linguagem no discurso que permita uma maior familiaridade com o quem escuta, na verdade, diz-se que devem ser aplanados os antagonismos e que deve ser utilizada uma linguagem próxima da realidade do ouvinte para que ele acate as determinações do discurso, ou seja, assim como defendido por Marcuse (1973) deve haver uma identificação instantânea da palavra com as coisas como são, com sua função ou maneira de funcionar, e reforçando ainda mais o condicionamento e conformismo com a administração total, distanciando a aparência e realidade na própria consciência e mente dos indivíduos, o que impede o processo de cognição.

É importante analisar também que o vídeo em questão ao ser direcionado a gestores, pessoas instituídas em cargos administrativos, nos faz perceber que ensinar práticas, passos de sucesso do discurso a esses profissionais, na verdade é dar a eles a função de replicantes da ideologia unidimensional, é consolidar o seu papel de instrumento que dissemina a dominação e, portanto, o pilar da sociedade unidimensional.

Nos vídeos *“Como Ser um Profissional que Receberá uma Promoção em 2016”* e *“Como Aumentar as Chances de Sucesso Este Ano na Carreira”* é ressaltado que para um profissional receber uma promoção e ter sucesso, necessita se doar para a organização, absorver novas responsabilidades, buscar novos projetos, se colocar a disposição da empresa, mostrar que tem interesse em ajudar na solução dos problemas e, principalmente ter atitude e se empenhar em algo que vá além da responsabilidade pessoal na rotina do trabalho, “agregando valor a estrutura”.

Sabendo que são traços da unidimensionalidade a submissão aos interesses das instituições, pois, daí surge a condição de escravo, de coisa, para o atingimento dos objetivos particulares que exercem a dominação totalitária e, que essa submissão acontece em troca de um padrão de vida crescente, podemos perceber pelo conteúdo dessa mídia que, o sucesso profissional tal como é proposto na sociedade é diretamente proporcional ao grau de submissão ao sistema estabelecido de coisas, a dominação e aos

interesses particulares. Logo, para que tenha sucesso na carreira, para que alcance uma promoção e conseqüentemente um padrão crescente de vida, os sujeitos devem cada vez mais se submeter à escravidão, ao molde da mente e do comportamento preestabelecidos.

A locução utilizada nos vídeos é semelhante ao fechamento do universo da locução, a linguagem da administração total de Marcuse (1973) que busca através do discurso semelhante a uma propaganda fixar reações comportamentais. A linguagem utilizada na sociedade unidimensional não reflete somente os controles e a dominação, “mas torna-se, ela própria, um instrumento de controle até mesmo onde não transmite ordens, mas informação; onde não exige obediência, mas escolha; onde não existe submissão, mas liberdade” (MARCUSE, 1973, p. 107). Marcuse (1973) diz ainda que o fechamento do universo da locução demonstra até que ponto a dominação e a administração produzem efeitos isolados na sociedade, pois, o que é observado é um aplanamento entre as duas esferas, ou seja, não se trata de uma dominação que perdeu suas forças, pelo contrário, pois esse aplanamento significa um aplanamento das contradições, das negações e da dialética. “Quanto mais global for o desafio por eles criado para enfrentá-la, quanto mais normal a vizinhança da destruição total, tanto mais estarão eles livres da soberania popular eficaz” (MARCUSE, 1973, p. 108).

Elucida-se ainda em “*Qual caminho para se tornar um líder de sucesso*” que os gestores passem a perceber quais são suas “motivações” para se tornar um líder, o que as pessoas a serem lideradas ganham em receber um indivíduo particular como líder, se há o desejo de contribuir com o crescimento e desenvolvimento das pessoas e “fazer da sociedade, da empresa, do mundo, um mundo melhor”.

Diante de tais afirmações, percebe-se novamente o fechamento do universo da locução com a adoção de termos positivos e um contexto similar ao da propaganda que espera como resultado comportamentos padronizados. Percebe-se novamente também características terapêuticas dos estudos sobre motivação, que expõem o pensamento a métodos submetidos à exploração e dominação e utilização de aspectos das relações humanas no campo social, como forma das gerências deterem os trabalhadores e sindicatos, uma vez que contribuir para o desenvolvimento e crescimento de pessoas se refere na verdade a métodos mais humanos de lidar com trabalhadores e ainda de forma eficaz (MARCUSE, 1973).

Por fim, denuncia-se através do discurso proferido no referido vídeo a posse da racionalidade instrumental que um gestor líder deve possuir, pois, admite-se que liderar uma equipe em uma empresa, contribuindo para o desenvolvimento e crescimento das pessoas, ou seja, contribuir para que os indivíduos sejam cooptados à submissão de interesses particulares, a erradicação do pensamento crítico e subversivo aos meios que a escravizam e dominam a sociedade em troca de um padrão de vida crescente, é na verdade uma contribuição que irá “fazer da sociedade, da empresa, do mundo, um mundo melhor”, desprezando a lógica reflexiva e dialética, assentando a instrumentalização da razão, a unidimensionalidade e totalitarismo e, impedindo a transformação qualitativa da sociedade e do mundo.

No discurso proferido em *“As Escolhas de Quem Equilibra Sucesso e Felicidade”* são encontradas afirmações de que a determinação do sucesso e felicidade está em encontrar uma organização para o desempenho do trabalho em que os valores disseminados pela organização e os do indivíduo sejam os mesmos, uma organização em que o indivíduo não precise abrir mão de seus valores e princípios e ainda que o equilíbrio entre sucesso e felicidade não se vincule ao quanto o indivíduo trabalha, mas sim, em quanto de energia emocional é gasta.

É passível de percepção através desse vídeo, como valores que eram estritamente filosóficos e subjetivos, como por exemplo, a felicidade, valores, emoções são incorporados ao caráter do trabalho, são o corpo e a mente, mecanizados, instrumentalizados e canalizados para o trabalho. Marcuse (1973) demonstra como o papel da filosofia foi erradicado e a mesma foi incorporada a sociedade unidimensional. O autor esclarece que os valores filosóficos e a crítica se tornaram assaz irreais e alcançaram um alto grau de abstração, o que faz com que a transformação qualitativa – a vida digna de ser vivida – seja uma promessa distante da realização.

Ressalta-se ainda que a afirmação de que o indivíduo deve encontrar e escolher uma organização em que seus valores se aproximem do aplanamento, não faz do sujeito menos alienado e escravo, pois, assim como Marcuse (1973) proferiu ao afirmar que a ciência e filosofia não apresentam conteúdos capazes de afluir à transformação qualitativa de vida, a escolha entre organizações ainda com valores distintos, representa uma escolha sobre o mesmo tipo de vida e, portanto, uma vida alienada e escravizada.

O conteúdo proferido nesse vídeo representa o pensamento unidimensional, o homem unidimensional, que é incapaz de refletir dialeticamente e desconstruir a realidade concreta através da abstração e da subjetividade, a negar o sistema de coisas estabelecido, as formas predeterminadas pela administração total de um mesmo tipo de vida. A reflexão dialética, abstração, o confronto entre a aparência e realidade é impedida e assim a sua epistemologia e ação no mundo, capazes de prover a transformação qualitativa também é barrada.

Em “*Como Desenvolver Inteligência Emocional Para o Trabalho?*” é destacado que ter inteligência emocional é tomar a melhor decisão independente das emoções, ou seja, agindo pela razão ou emoção deve-se decidir sempre pela melhor estratégia. Nota-se que foi evidenciada nesse vídeo a preferência pela predominância da racionalidade instrumental, tal como defendido por Marcuse (1973) que vislumbra decisões, estratégias tomadas com base em cálculos favoráveis ao poder exercido sobre o todo, uma vez que a preferência é dada por estratégias instrumentais, funcionais e utilitárias em detrimento das emoções e subjetividade do indivíduo. Percebe-se ainda que a mecanização do trabalho alargou a servidão tornando uma ocupação para toda a vida, uma ocupação controlada, entorpecedora, desumana e exaustiva, transformando as atitudes do explorado, reproduzindo reações automáticas e semiautomáticas (MARCUSE, 1973).

Ressalta-se ainda que “tomar a melhor decisão” é tomar a decisão com base nos ideais dos proprietários da “máquina corporativa” (MARCUSE, 1973, p. 49). Ou seja, mais uma vez é observada a ausência da autonomia e da subjetividade dos indivíduos instituídos como “tomadores de decisões”, na verdade, eles são o veículo, instrumento, dos verdadeiros tomadores de decisão. Os técnicos de fato dominam, ou será o seu domínio daqueles que confiam nos técnicos como seus planejadores e executores? (MARCUSE, 1973, p. 50).

Ademais, é de suma importância destacar que os discursos dos vídeos são proferidos por sócios e ocupantes de cargos estratégicos em grandes empresas, ou seja, representam a transposição de interesses particulares transportados aos gestores disfarçadamente em ideais de uma carreira promissora, autônoma e de sucesso, que perpetua ainda mais a dominação, a escravidão e a unidimensionalidade. Além disso, a introjeção dos interesses particulares por gestores é uma forma de transformá-los em

interesses de “todos os homens sensatos” (MARCUSE, 1973, p. 13) e ainda consolidar a administração como uma área pilar da unidimensionalidade, pois, os gestores, a administração é o instrumento, coisa, que transporta os interesses particulares para toda a sociedade.

Os discursos proferidos pelos indivíduos em todos os vídeos analisados são a representação da linguagem da administração total, uma linguagem funcional, positiva que procura barrar os conteúdos negativos e dialéticos nas locuções, modificando a comunicação como forma de confirmar o comportamento unidimensional, “sua linguagem testemunha a identificação e a unificação, a produção sistemática de pensamento e ação positivos, o ataque concertado às noções transcendentais e críticas” (MARCUSE, 1973, p. 93). As palavras de fato hipnotizam, “o leitor ou ouvinte deverá associar (e de fato associa) essas imagens a uma estrutura de instituições, atitudes e aspirações fixadas esperando-se que ele reaja de um modo específico fixado.” (MARCUSE, 1973, p. 98 – grifo meu). O que é dito no discurso é identificado como realidade concreta e instantânea, reforçando ainda mais o condicionamento e a administração totalitária, a dominação e unidimensionalidade. A distância entre a aparência e a realidade é barrada na consciência, é impedida de agir no processo de cognição e, portanto, liberdade pode significar dominação, autonomia pode significar submissão e escravidão, racionalidade pode significar irracionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados e referenciais apontados nessa pesquisa, podemos concluir que a sociedade industrial, unidimensional, transformou a vida de seus indivíduos, fazendo os mesmos viverem cooptados a própria escravidão, alienação, a um mundo totalitário onde as decisões sobre sua vida são tomadas em esferas que eles não podem controlar, a existir apenas como um objeto para perpetuar o todo repressivo, ideológico, mas, toda essa vida hostil é vivida menos conspicuamente que nas etapas anteriores à industrialização e ao poder de elevar o padrão de pelo consumo. Os indivíduos ainda se sentem donos de si, livres e autônomos por utilizarem a sua racionalidade instrumental e poderem escolher suas próprias mercadorias.

Coadunando a essa perspectiva, para a manutenção da ordem social a administração desempenha seu papel na ocupação de cargos nas instituições, organizações que

exercem o totalitarismo na sociedade. É dado a eles, aos gerentes e demais ocupantes de cargos de áreas administrativas, a responsabilidade de disseminar as decisões dos proprietários como se fossem tomadas como suas e validadas pelo uso da sua racionalidade instrumental, falsa noção de autonomia e, ainda, perpetuar os ideais que são representados nessas decisões como se fossem comuns a todos os indivíduos dessa sociedade. Aos proprietários são dadas as funções burocráticas e aos administradores a função de exercer a dominação como se as decisões fossem tomadas por eles, quando na verdade eles são também dominados. As áreas trabalhistas não dependentes diretamente da maquinaria são áreas que receberam a mecanização da mente, sendo possível somente a confirmação de ideias positivas e instrumentais e barrando a perturbação de reflexões que possam negar o universo totalitário.

Além disso, com os dados coletados foi passível de comprovação o uso da linguagem positiva – linguagem não crítica - na administração, a linguagem da administração total e também as ênfases dadas em suas pesquisas científicas como formas preestabelecidas para a perpetuação do comportamento conformista e positivo, ou seja, para a perpetuação da unidimensionalidade. Os atributos requeridos em suas pesquisas e competências são os mesmos que afirmam e assentam os comportamentos e pensamentos necessários para a manutenção da dominação. Esses atributos reduzem, barram a tensão entre a realidade e a verdade. A linguagem utilizada é a linguagem a serviço da exploração, da contenção social, da recusa da dialética.

Contudo, ressalta-se que a linguagem perpetuada pela administração total e as pesquisas empíricas positivistas da área que assentam o controle e dominação não são dela, e sim perpetuadas por ela, pois, a necessidade da dominação vem antes de se exercer o domínio, ou seja, a administração foi antes dominada, cooptada, ideologizada para que posteriormente essa dominação e ideologia fossem então semeadas. Devido a isso, assim como Marcuse (1973) afirma, a administração exerce essa dominação não por uma corrupção de seus valores ou de sua moral, mas sim, por ter antes passado por uma hipnose mental.

Destarte, concluímos a respeito da condição de escravo dos administradores, apesar de não serem explorados pela força física e nem pela dureza do trabalho, mas sim por ser o veículo, instrumento, coisa responsável por dissipar a ideologia da sociedade industrial,

a unidimensionalidade. Esse é o verdadeiro sentido ideológico da profissão do Administrador: a sua condição de escravo cuja função é ser um mero replicante da dominação, do totalitarismo ao mesmo tempo em que acredita ser dominador e não dominado.

O administrador tal como é formado e demandado na sociedade não é livre, não é autônomo, não toma decisões e não é crítico, todavia, pode o ser, pois, a razão subjetiva e a reflexão são condições inerentes ao homem e, a própria existência da concepção desta pesquisa juntamente com as suas conclusões são a representação concreta da possibilidade de afluência crítica em sua formação. Indo ainda mais além, a consolidação dessa pesquisa tem potencial de um passo inicial para a transformação da área e do meio social, pois, toda subversão e emancipação são iniciadas com a consciência de servidão (MARCUSE, 1973).

REFERÊNCIAS

AKTOUF, O. **Ensino de Administração: por uma Pedagogia para Mudança**. Rev. **Organizações & Sociedade**, América do Norte, 12, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10810/7757>> Acesso em: 03 Jan. 2016.

AS ESCOLHAS de Quem Equilibra Sucesso e Felicidade. **EXAME.COM**. Reportagem: Camila Pati. Imagem e Edição: Fábio Teixeira. 11 de Fevereiro de 2015. Vídeo (1min.12seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ckyEcExbC6s>> Acesso em: 28 de Jul. 2016.

BARCELLOS, R. M. R; DELLAGNELO, E. H. L; SALIÉS, G. P. **Universidade, sociedade e formação do administrador: uma reflexão necessária**. Administração: Ensino e Pesquisa, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 671-696, Out/Nov/Dez, 2011.

BARROS, A. N. **Ensino superior em Administração entre os anos 1940 e 1950: uma discussão a partir dos acordos de cooperação Brasil-Estados Unidos**. Cad. EBAPE.BR, v. 11, nº 2, artigo 3, p.256–273. Rio de Janeiro, Jun. 2013.

BASTOS, R. L. **Marcuse e o homem unidimensional: pensamento único atravessando o Estado e as instituições.** *R. Katál.*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 111-119, jan./jun. 2014

BORBA, J. S. MARTINS, L. M. SILVA, R. M. M. JUNIOR, E. R. F. **A definição dos conhecimentos, habilidades e atitudes na formação de administradores na percepção de gestores, acadêmicos e legal.** VIII Convibra Administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração. 2011. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_2917.pdf Acesso em: 19 Jan. de 2016.

COMO Aumentar as Chances de Sucesso Este Ano na Carreira. **EXAME.COM.** Reportagem: Camila Pati. Imagem e Edição: Fábio Teixeira. 23 de Março de 2016. Vídeo (39seg.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S-uQgN0Ml4Q>> Acesso em: 28 Jul. 2016

COMO Desenvolver Inteligência Emocional para o Trabalho?. **EXAME.COM.** 02 de Janeiro de 2015. Vídeo (56seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7vafeIttCBo>> Acesso em: 28 Jul. 2016.

COMO a Psicologia Positiva Pode Ajudar na Carreira. **EXAME.COM.** Reportagem: Camila Pati. Imagem e Edição: Fábio Teixeira. 06 de Janeiro de 2016. Vídeo (48seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLdJSaL_bR0> Acesso em: 26 Jul. 2016

COMO Ser o Profissional que Receberá uma Promoção em 2016. **EXAME.COM.** Reportagem: Camila Pati. Imagem e Edição: Fábio Teixeira. 16 de Março de 2016. Vídeo (54seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JAY4UA544Os>> Acesso em: 28 Jul. 2016.

FARR, A. L. **O Homem unidimensional e a história da International Herbert Marcuse Society.** Tradução: Silvio Ricardo Gomes Carneiro. 2015. **Revista Artefilosofia.** Disponível em: <http://www.raf.ufop.br/pdf/artefilosofia_18/2-16.pdf> Acesso em: 03 de Janeiro de 2016

FEENBERG, A. Fenomenologia de Marcuse: lendo o capítulo deis de O Homem Unidimensional. (tradução de Vanessa di Lego). In: KANGUSSU, I; SILVA, C. V. (organizadoras). **Fantasia & Crítica**. Belo Horizonte: ABRE, 2012. p.140-152.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 207 p.

KELLNER, D. M. **On Marcuse: critique, liberation, and reschooling in the radical pedagogy of Herbert Marcuse**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, abr. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 dez. 2015.

MARANHÃO, C. M. S. A. **Imagens dialéticas da formação crítica dos administradores**. Ensino, Pesquisa e Capacitação Docente em Administração (EPD). XXIII ENANGRAD, Bento Gonçalves, 2012.

MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. **Indústria Cultural e Semiformação: análise crítica da formação dos administradores**, 2010. 250f. Tese (Doutorado em Administração), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Abril. 2010.

MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Trad. Giasone Peruá. Rio de Janeiro. 1973. (Edição Zahar Editores) 237p.

NICOLINI, A. **Qual Será o Futuro das Fábricas de Administradores?**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 43, n. 2, abr-jun, 2003.

OLIVEIRA, C. GHEDIN, E. **As Contribuições de Hebert Marcuse a uma Sociologia do Conhecimento e Suas Implicações para a Educação Científica**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.7.,2009, Florianópolis. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/840.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2015

OLIVEIRA, Mauricio M. S. Marcuse e Jameson: da cultura afirmativa ao pós-modernismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.245-279, 2011.

O MAIOR Bem que Um Profissional Pode Ter na Vida. **EXAME.COM**. Reportagem: Camila Pati. Imagem e Edição: Fábio Teixeira. 03 de Novembro de 2015. Vídeo (1min, 25seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8Y4WKtD4ecQ>> Acesso em: 26 de Julho 2016.

PEIXOTO, Luiz A. S. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.156-180, 2011.

QUAL o Caminho Para se Tornar um Líder de Sucesso? **EXAME.COM**. 12 de Dezembro de 2014. Vídeo (52seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FWaAq58H1DA>> Acesso em: 28 de Jul. de 2016

QUAIS as Características Comuns aos Profissionais de Sucesso?. **EXAME.COM**, 21 de Novembro de 2014. Vídeo (1min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hTVWS6H_hQE> Acesso em: 26 de Jul. 2016.

QUAIS os Pilares do Sucesso de uma Apresentação?. **EXAME.COM**. 26 de Novembro de 2014. Vídeo (1min, 30 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3hnN0Sz_AI> Acesso em: 28 de Jul. de 2016.

REIS-FORTES, J. G. NORONHA, V. Q. É possível qualidade de vida no trabalho para o Homem Unidimensional? Reflexões críticas à luz da obra de Herbert Marcuse. In: Congresso Internacional de Teoria Crítica: Gênese, Desdobramentos, Apropriações, 9, 2014, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: UNIMEP, 2014. p. 634-640.

SANTOS, L. P; WAGNER, R. **Processo decisório e tomada de decisão: um dualismo**. IV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGeT, Resende - Rio de Janeiro, 2007.

SIQUEIRA, M. M. **O papel das disciplinas de embasamento na formação acadêmica de administradores**. *Rev. adm. empres.* [online]. 1987, vol.27, n.1, pp. 53-55. ISSN 0034-7590.

UMA DICA Essencial para Todos os Gestores. **EXAME.COM**. Reportagem: Camila Pati. Imagem e Edição: Fábio Teixeira. 16 de Março de 2015. Vídeo (1min, 1seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IDxvUMHOMOk>> Acesso em: 26 Jul. 2016.

VERDIN, A. M. S. **Educação, Formação Humana e Tecnologia:** Diálogos com o Homem Unidimensional de Marcuse, 2015. 161f. Dissertação (Mestre em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2004.